

Um projeto de filme a respeito dele revela que até mesmo as descrições físicas dadas não correspondem a uma pessoa só. As idéias políticas que lhe são atribuídas variam da extrema direita à extrema esquerda. Quanto às observações tidas como dele são muito curiosas devido ao seu lado "estrangeiro". Parece o personagem de Lovecraft que dizia: "Não sou daqui."

Essa é a lenda. Tentei estabelecê-la através dos testemunhos, porém são contraditórios. Alguém "de outro lugar" vivia entre nós. Isto é tudo quanto podemos dizer no momento. Parece que há uma sociedade dos amigos de Armand Robin. A respeito dele existe também uma página no *Monde* que não fala sobre a sua poesia. Encontraremos na edição do Livro de Bolso do maravilhoso romance de Raymond Abellio, *Les Yeux d'Ezéchiel sont Ouverts*, algumas traduções feitas por Robin de poemas de diversas línguas.

No dia em que o C.N.R.S. se decidir a subvencionar teses de doutorado sobre temas interessantes ao invés de se limitar à influência do imperfeito do subjuntivo, à reprodução dos musgos e samambaias, será interessante investir um pouco de dinheiro e tempo numa investigação detalhada a respeito de Armand Robin.

Como ponto de partida, sugeriria a idéia de que, como o Conde de Saint-Germain, Robin era uma função e não um personagem. Isto é, para ser mais explícito, pode-se ser Armand Robin ou o conde de Saint-Germain como se era Geral dos Jesuítas, ou melhor, este termo designa uma função num grupo secreto; se havia, no mesmo período da História, diversos homens designados para esta função, compreenderíamos que as descrições não concordassem. Em todo caso é um tema de estudo bastante interessante.

Aliás, um indivíduo que realmente existiu mas que soube guardar seu segredo foi o americano Charles Mallory Hatfield (1880-1958). (Para o anedotário, é o herói autêntico do romance de Saul Bellow, *Henderson, de Faiseur de Pluie*.)

Hatfield tinha uma afinidade com a atmosfera e talvez tenha sido o único humano da sua espécie.

Podia fazer chover à vontade, simplesmente produzindo fumaças através de reações químicas que manteve em sigilo. A ciência oficial afirma que somente através dos métodos oficiais e patenteados, consistindo na pulverização de cristais de um avião, é que podemos provocar chuvas. Em compensação, os estatísticos afirmam que este método só dá resultado por acaso. As discussões entre os cientistas a respeito desse assunto são muito duras. Hatfield sempre obtinha resultados e sua estória merece ser contada com todos os detalhes.

Em 1902, é caixeiro-viajante de máquinas de costura. Nunca estudou, mas leu muito. Muito calmo e modesto, pretende utilizar os fenômenos naturais que ele próprio não compreende muito bem.

Fez seu primeiro trabalho como fazedor de chuva comercial em 1903, próximo de Los Angeles.

Cumpriu, em vinte e cinco anos, quinhentos contratos com preços que variavam entre cinquenta e dez mil dólares, sendo que o preço era determinado pelo que o cliente pudesse pagar sem que isso o prejudicasse (método comercial singular). Nunca falhou. A municipalidade de Los Angeles pede-lhe para encher o reservatório. Por quatro mil dólares, consegue vinte e cinco centímetros de chuva no pluviômetro e a água contida no reservatório sobe seis metros. Ao pagar-lhe, a municipalidade faz o seguinte comentário: "Saiu por quase nada."